

COMISSÃO NACIONAL DOS DIÁCONOS VIII ENCONTRO NACIONAL DE DIRETORES E FORMADORES DAS ESCOLAS DIACONAIS

CNBB – COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA OS MINISTÉRIOS ORDENADOS E A VIDA
CONSAGRADA

CASA DE RETIROS ASSUNÇÃO – BRASÍLIA/DF
17 a 21 de outubro de 2004

A ESPIRITUALIDADE DIACONAL

Pe. Walter Maurício Goedert

Introdução

A espiritualidade cristã se caracteriza, em primeiro lugar, pela vivência do mistério de Deus-Trindade. Deus é nosso Pai, embora ainda não possamos compreender o significado pleno desta graça: somos filhos de Deus (1Jo 3,1). A paternidade divina não só nos assegura sua providência, mas principalmente a certeza de sermos amados de modo único e irrepetível. Nascemos não só graças ao poder criador de Deus, mas porque Ele nos amou antes que fôssemos gerados no seio de nossa mãe (Jr 1,5). Não somos obra do acaso. Se, humanamente falando, poderíamos não-existir, no plano amoroso de Deus Pai existimos desde sempre como seres especialmente gerados pelo seu amor. O Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo não só é nosso Criador, mas igualmente nosso Pai. Ele nos quer, em Cristo, pelo seu Espírito para a vida em plenitude em sua divina Comunhão.

Quando nos referimos à espiritualidade cristã, imediatamente nos deparamos com Jesus Cristo, o Filho eterno do Pai, feito homem, nosso Salvador e Redentor. Nele, no qual tudo foi feito e, sem Ele, nada do que existe, existiria (Jo 1, 3), também nós fomos criados à sua imagem e semelhança. Por Ele fomos recriados na ordem da graça. Fomos resgatados por um grande preço (1Cor 7,23). Em Cristo, seu Filho, o Pai nos criou, nos regenerou e nos glorificou (Rm 8, 30). Somos filhos no Filho.

No entanto, a paternidade divina e a regeneração em Cristo são obra do Espírito Santo que foi derramado em nossos corações (Rm 5, 5). O Espírito Santo, Senhor e Fonte de Vida, nos mantém permanentemente na Comunhão trinitária. Por Ele podemos dizer: Abá, Papai (Gl 4, 6), e Jesus Cristo é o Senhor para o louvor de sua glória (Ef 1, 12). Cristo é o Caminho que nos conduz ao Pai; mas, quem nos conduz é o Espírito Santo. A espiritualidade cristã consiste em realizar o plano de salvação do Pai, mediante Cristo, seu Filho, Caminho, Verdade e Vida (Jo 14, 6), no discernimento e na força do Espírito

“A formação humana abre-se e completa-se na formação espiritual, que constitui o coração e o centro unificador de toda a formação cristã. A formação espiritual do futuro diácono não pode ignorar a experiência já adquirida, mas deve pô-la à prova e incrementá-la, para enxertar nela as características específicas da espiritualidade diaconal. A formação espiritual, ordenada à santidade de vida, que consiste na comunhão íntima e profunda com o Pai, pelo Filho e no Espírito Santo, e que se atinge pela perfeição da caridade, prepara o diácono para desempenhar seu ministério” (Cf. CNBB, *Diretrizes para o Diaconato Permanente*, doc. 74, n° 153).

A formação espiritual como centro unificador da vida cristã, ocupará lugar prioritário na formação do candidato ao Diaconato Permanente. Quem deseja participar da Escola Diaconal deve ter sido iniciado na vida de oração e no seguimento de Jesus, a partir da vivência do sacerdócio batismal, em sua família, na comunidade paroquial e no exercício da profissão civil. A troca destas experiências de vida entre os participantes da Escola Diaconal enriquecerá, de um lado, a vida espiritual de cada candidato e, de outro, permitirá aos formadores avaliar melhor as reais necessidades espirituais de cada um, aprofundando temas mais diretamente relacionados à espiritualidade diaconal.

A espiritualidade diaconal deve acentuar alguns elementos que fazem parte da espiritualidade cristã, mas que, no contexto vocacional do diácono, assumem matiz especial: constituem características essenciais que orientam sua vida espiritual.

O seguimento de Jesus

O seguimento de Jesus constitui a espinha dorsal da espiritualidade cristã. Cristo não só deu o exemplo: Ele é o único modelo. Somente Ele nos poderia ter concedido a graça da filiação divina, porque é o Filho amado, no qual o Pai colocou o seu agrado (Mc 1, 11). Ninguém vai ao Pai, senão por Ele (Jo 14, 6). Durante toda a sua vida, Jesus deu testemunho do Pai. Seu alimento foi realizar a vontade do Pai (Jo 4, 34). Fez o que era do seu agrado (Jo 8, 29). Toda a vida de Jesus foi uma oferta agradável a Deus (Sl 40, 7-9). Ele morreu na Cruz para selar seu testemunho (Lc 23, 46). O caminho da santidade passa necessariamente por Ele, com Ele e nEle. Em sua tríplice missão de Profeta, Sacerdote e Servidor, Jesus Cristo inspira a espiritualidade cristã, em sua totalidade, como também em suas diferentes expressões - *correntes de espiritualidade* - nascidas no seio do cristianismo, em todos os tempos.

A espiritualidade diaconal põe em relevo a dimensão de Cristo-Servo, o Servo de Iahweh: “A missão do diácono está ligada ao Cristo-Servo. Ele coloca em evidência e protagoniza para todo o povo de Deus a dimensão de serviço. Sua veste característica é a estola, que lembra a toalha do lava-pés, gesto da atitude diaconal de Cristo. Ser ícone de Cristo-Servidor constitui a identidade profunda do diácono. Ao vê-lo deveríamos ser interpelados aos gestos concretos e à alegria do Serviço” (Cf. CNBB, *Diretrizes*, nº 39).

“Como o nosso Salvador e Mestre disse no Evangelho: Quem quiser tornar-se grande entre vós, torne-se o vosso servo, da mesma forma como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate de muitos (Mt 20, 26-28), vós, diáconos, deveis fazer o mesmo, ainda que isso implique dar a vida por vossos irmãos, por meio do serviço (diaconia) que sois chamados a cumprir. Se, pois, o Senhor do céu e da terra se fez nosso servidor e sofreu pacientemente todo tipo de dor por nós, quanto mais não devemos fazer o mesmo por nossos irmãos, pois somos seus imitadores e recebemos a mesma missão do Cristo” (Didascalia Apostolorum, XVI, 13. Cf. CNBB, *Diretrizes*, nº 154)?

O seguimento de Cristo-Servidor se concretiza na missão do diácono, na vivência da tríplice dimensão do seu serviço: animador da caridade, profético-

transformador e litúrgico-sacramental. Embora estes aspectos estejam profundamente relacionados entre si e convirjam para fundamentar a espiritualidade diaconal, convém analisá-los separadamente, a fim de precisar melhor algumas características próprias de cada dimensão.

Espiritualidade servidora da caridade

Cristo, Servidor do Pai, é modelo de caridade para a Igreja e para o mundo. Ele nos amou até o fim (Jo 13, 1). Veio não para ser servido, mas para servir (Mt 20, 28). Assumiu nossa vida para nô-la dar em abundância (Jo 10, 10). Cristo é servidor por sua palavra, por suas atitudes, por seus gestos salvíficos de amor, pela entrega de sua vida na Cruz. Ele é o bom Samaritano de toda a humanidade: na casa do seu coração nos recolhe, cura nossas feridas, nos faz descansar (Sl 23, 2). Servidor dos doentes, dos pobres, dos marginalizados, das viúvas, dos órfãos, dos pecadores. A ninguém Jesus exclui do seu amor. Nele encontramos sempre o *sim* do Pai (2Cor 1, 20).

A vivência da caridade, em todas as suas expressões, deve marcar a espiritualidade do diácono, não só porque é sinal distintivo de todo o cristão, mas porque ele a assume como testemunho oficial da caridade de toda a Igreja. “O ministério da caridade abrange a amplitude da vida cristã em uma comunidade local. Em uma comunidade cristã tudo deve ser animado pela caridade. Tudo, até a justiça. Isso significa que o diácono, com sua presença discreta e a sua inserção no ambiente humano, deverá ser ao mesmo tempo o testemunho e o celebrante da caridade do Povo de Deus” (Cf. José Durán Y Durán, *Diaconato Permanente e Ministério da Caridade*, Loyola, São Paulo, 2003, p. 70).

“A promoção da caridade e do serviço constitui um campo de evangelização vasto e diversificado. O diácono testemunha a presença viva da caridade de toda a Igreja e contribui para a edificação do Corpo de Cristo, reunindo a comunidade dispersa, desenvolvendo o senso comunitário e o espírito de família. Vai ao encontro das pessoas de qualquer religião ou raça, classe ou situação social, fazendo-se um servidor de todos como Jesus” (Cf. CNBB, *Diretrizes*, n° 53).

“Dedicados aos ofícios da caridade e da administração, lembrem-se os diáconos do conselho do bem-aventurado Policarpo: *Misericordiosos e diligentes, procedam em harmonia com a verdade do Senhor que se fez servidor de todos*” (Cf. LG, n° 29).

Espiritualidade profético-transformadora

Cristo é a Palavra reveladora do Pai. Ele é a imagem do Deus invisível, a cuja semelhança tudo foi criado (Cl 1, 15). Esplendor e cunho da substância de Deus (Hb 1, 3), o Verbo de Deus está inteiramente qualificado para revelar o Pai, de quem é, de certa forma, a eterna revelação. Ele é a luz que brilha e faz ver (Jo 8, 12; 1, 9). Como Palavra criadora e reveladora, o Filho de Deus foi enviado pelo Pai, de modo que quem o ouve, ouve o Pai. “*O Filho não pode fazer nada por si mesmo; ele faz apenas o que vê o Pai fazer. O que o Pai faz, o Filho o faz igualmente*” (Jo 5, 19). O verbo de Deus desceu do

céu, não para fazer sua própria vontade, mas a vontade daquele que o enviou (Jo 6, 38). Em Jesus Cristo, Profeta do Pai, Deus visitou o seu povo (Lc 1, 68).

Como Palavra reveladora e libertadora do Pai, o Verbo de Deus transforma o caos da não-existência em organização e vida para todo o universo. Pré-figurado em Isaac, Jesus confirma a fidelidade e Abraão tornou-se capaz de ter descendência, porque considerou fidedigno o autor da promessa (Hb 11, 9); seus descendentes serão tão numerosos como as estrelas do céu (Gn 15, 5). Em Davi, rei e pastor, Cristo é simbolizado com o verdadeiro Rei e Pastor do Novo Israel, e o Seu Reino não terá fim (Lc 1, 33). Jesus é, ainda, o Servo sofredor que, no silêncio de sua paixão, muda a história da humanidade. Por sua morte e ressurreição, transforma o pecado em graça, a morte em vida, a escuridão em luz, o desespero em esperança. O Cordeiro imolado tudo renova (Ap 21, 5), tudo recapitula (Ef 1, 10), tudo transforma.

A espiritualidade do diácono, seguidor de Cristo-Servo, deverá ser criativa, profética, transformadora no sentido de deixar-se permanentemente renovar pela força da Palavra e pautar sua vida pela gratuidade, no amor sem medidas. Sua presença na família, no ministério eclesial, na profissão civil, na sociedade em geral, terá a marca de Cristo-Servidor.

“O diácono, antes de ser servidor da Palavra, será discípulo e ouvinte. Com frequência, fará a leitura meditada e orante da Sagrada Escritura, que é a escuta humilde e cheia de amor daquele que fala. A familiaridade com a Palavra de Deus facilitará o itinerário de conversão, não apenas para separar-se do mal e aderir ao bem, mas também para alimentar no coração os pensamentos de Deus, de modo que a fé como resposta à palavra de Deus, se torne o novo critério de juízo e de avaliação das pessoas e dos acontecimentos” (CF. CNBB, *Diretrizes*, n° 58).

“A missão evangelizadora do diácono não se restringe à homilia ou ao anúncio da Palavra no contexto litúrgico. Como anunciador da Palavra, ela dá, antes de tudo, o testemunho de um ouvinte assíduo e convicto do Evangelho. Transmite à comunidade a Palavra redentora da qual ele próprio já experimentou o poder de transformação. Identifica-se com a Palavra anunciada; é, em sentido pleno, servidor da Palavra. Anuncia a Palavra de Deus com a autoridade que nasce, especialmente, da convivência com o Evangelho” (Cf. CNBB, *Diretrizes*, n° 59).

Espiritualidade litúrgico-sacramental

Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote, não veio para oferecer sacrifícios e oblações, que já não eram do agrado de Deus, mas entrou no Santuário com seu próprio sangue, e isto, uma vez por todas, obtendo uma redenção eterna (Hb 9, 12). Seu sacrifício foi realizar a vontade do Pai: *Não quiseste vítima nem oferenda, mas formaste um corpo para mim. Não foram do teu agrado holocaustos, nem sacrifícios pelo pecado. Então eu disse: Eis que eu vim, ó Deus, para fazer a tua vontade* (Hb 10, 5-7). Tudo consumou, ao realizar plenamente a vontade do Pai, porque este era o seu alimento (Jo 4, 34). Ao entregar nas mãos do Pai o seu espírito, Jesus termina sua missão, no tempo, para retomá-la no Reino definitivo.

A sagrada liturgia celebra o mistério pascal de Cristo e o torna centro de toda

espiritualidade cristã. “Em sua humanidade, na unidade da pessoa do verbo, foi o instrumento de nossa salvação. Pelo que, em Cristo, ocorreu a perfeita satisfação de nossa reconciliação, e nos foi concedida a plenitude do culto divino” SC, n.2). Na Igreja, o mistério pascal é anunciado, celebrado, vivido e testemunhado. A comunidade eclesial celebra a Palavra, escutando-a, proclamando-a, explicando-a, interpretando-a e tornando-a atual e viva na sua oração e nos sinais sacramentais.

A oração litúrgica situa-se num horizonte mais amplo numa atitude de abertura e de diálogo eclesiais. No centro da espiritualidade litúrgica está sempre Cristo com a sua vida e com o seu mistério pascal. Como a liturgia não depende do discurso crítico, mas da ação, assim também a espiritualidade litúrgica não se reduz a palavras e sentimentos vagos: exige ações, compromissos de vida. Através da espiritualidade cristã vivida no dia-a-dia da história a força transformadora do mistério pascal deve influenciar decididamente na transfiguração da sociedade e do mundo.

A espiritualidade diaconal terá na liturgia, particularmente na Eucaristia, como toda a Igreja, a fonte e o centro do ministério do diácono (SC, n° 11). A Igreja vive da Eucaristia (Cf. João Paulo II, Carta Encíclica sobre a Eucaristia, *Ecclesia de Eucharistia*, n° 1). A participação nos sacramentos e sacramentais, especialmente na Sagrada Eucaristia, na Liturgia das Horas, como ainda na riqueza espiritual da religiosidade popular, fará parte integrante da vida espiritual do diácono; não poderá realizar eficazmente sua missão sem se nutrir assiduamente da Eucaristia, sacramento do serviço e da caridade.

“O diácono leva o pão eucarístico e traz para o altar as oferendas que exprimem a comunhão dos fiéis. Leva aos doentes, ao mesmo tempo que o Corpo do Senhor, o auxílio da comunidade. Recebe e distribui. Seu ministério demonstra que a litúrgica e a vida social não são duas realidades justapostas, mas pólos de uma mesma economia, pulsações de um mesmo movimento, que através de Cristo vem de Deus e a ele retorna. No culto, o serviço encontra sua fonte; no serviço, o culto revela sua eficácia. O serviço litúrgico é expressão simbólica do centro de gravidade do ministério diaconal exercido num serviço setorial da comunidade” (Cf. CNBB, *Diretrizes*, n° 63).

Espiritualidade eclesial

A eclesiologia do Concílio Vaticano II se desenvolve a partir dos conceitos de comunhão e de participação; constitui uma comunidade de pessoas que têm como modelo a Santíssima Trindade (Cf. LG n°s 1-4). “Nunca é demais, portanto, recordar e insistir que a Igreja é, em primeiro lugar, um mistério de comunhão, que reflete, com as limitações de seus membros e os limites do tempo e do espaço, o mistério da comunhão trinitária. A comunhão trinitária torna-se, então, fonte da vida e da missão da Igreja, modelo de suas relações e meta última de sua peregrinação” (Cf. CNBB, *Missão e Ministérios dos Cristãos leigos e leigas*, doc. 62, n° 64).

A Igreja de Deus reúne na vivência da mesma fé homens e mulheres de todas as raças e povos, em todos os tempos, chamados por Deus a serem santos no amor, redimidos pelo sangue de Cristo e marcados pelo selo do Espírito. A Igreja acolhe e orienta os que são chamados a formar um só corpo e a viver a mesma esperança (Ef 4, 4). Por Cristo, com Cristo e em Cristo, o Povo de Deus é conduzido pelo Espírito à comunhão plena. A Igreja une a multidão imensa, que ninguém pode contar, gente de todas as nações, tribos, povos e

línguas, que alvejaram suas vestes no sangue do Cordeiro (Ap 7, 9. 14).

O diácono fará da comunhão o eixo de seu ministério; um serviço em favor da unidade da Igreja. As tarefas realizadas pelo diácono são múltiplas, mas o espírito é um só: servir à comunhão eclesial, aproximar as pessoas, reunir em torno de Cristo os interesses individuais, os projetos de pastoral e a necessária diversidade ministerial. Conjuntamente com o bispo e os presbíteros, o diácono procurará, a seu modo, ser animador da comunhão eclesial.

“O testemunho de vida e comunhão do diácono afeta todos os ministros ordenados. Nesse sentido, o ministério ordenado necessita recuperar sua vivência colegial. Essa comunhão ministerial deve ser vivenciada, afetiva e efetivamente, em todos os graus do ministério” (Cf. CNBB, *Orientações*, n° 69).

A espiritualidade de comunhão inclui aspectos importantes da vida e do ministério do diácono. Como promotor dessa comunhão, deve dar testemunho a partir de sua unidade interior. Um coração dividido não pode construir unidade. Sua vida esteja perfeitamente sintonizada com os sentimentos de Cristo-Servidor e com sua mensagem libertadora.

Na comunidade, trabalhará pela inclusão de todas as pessoas, particularmente dos marginalizados. Dará tudo de si para que a comunidade seja um só coração e uma só alma (At 4, 32). Com seus irmãos diáconos buscará a unidade do diaconato diocesano pela fraternidade e solidariedade, em torno do bispo e do presbitério. Para com os presbíteros, manterá estreita colaboração em nível pessoal e pastoral, além de fraterna amizade. Com o bispo, viverá uma relação filial de respeito e obediência, contribuindo para a integração da hierarquia com o laicato, da Igreja com o mundo. De sua parte, o bispo e os presbíteros estejam atentos aos carismas pessoais dos diáconos, a fim de lhes oferecer oportunidade de realização pessoal e profissional (Cf. CNBB, *Diretrizes*, n° 92).

“A partir da família, a Igreja doméstica, o diácono alimentará o amor pela vida comunitária inspirada no Evangelho e integrar-se-á plenamente na comunidade eclesial. Evitará a tendência individualista em sua vida pessoal, familiar, comunitária e ministerial. Com efeito, a forma individualista do exercício do ministério ordenado é um dos principais entraves à realização de uma Igreja toda ela responsável pela missão. O diácono vive, pois, o desafio de não se fechar em sua família, em detrimento de sua ligação com o presbitério e a comunidade eclesial. Igualmente, envidará esforços para não ser absorvido totalmente pelos compromissos e atividades pastorais, em prejuízo de sua família” (Cf. CNBB, *Orientações*, n°s. 143-144).

A espiritualidade de comunhão exige atitudes concretas: solidariedade, partilha espiritual e material, capacidade de perdão, disposição para a correção fraterna, cultivo da mútua-ajuda, espírito comunitário, preocupação pelos outros, participação nos momentos marcantes da vida das pessoas e da comunidade, caridade pastoral, entre outras. Participar exige encarnação, fazer-se um, compartilhar vida e ministério. Vai além da simples observância das normas da pastoral de conjunto que orientam a Igreja local; inspira-se no mistério de Jesus, que veio fazer-se um conosco, assumiu nossa natureza, assumindo a forma de escravo (Fl 2, 7).

Espiritualidade mariana

Ninguém melhor que Maria, a servidora do Senhor, soube se colocar à disposição de Deus para realizar seu plano de salvação. Ninguém como ela seguiu com perfeição os passos de Jesus. Repleta do Espírito Santo deixou-se absorver inteiramente pelo amor e fez de sua vida diaconia única a Deus e à humanidade. O *sim* de Maria na Anunciação ecoará por toda a sua vida, em todas as suas atitudes. À semelhança de Jesus, podia dizer: *Eu vim, ó Deus, para fazer a tua vontade* (Hb 10, 7).

“Maria está unida a Cristo de um modo absolutamente especial e excepcional; e é amada neste *Filho muito amado* desde toda a eternidade, neste Filho consubstancial ao Pai, no qual se encontra toda a magnificência da graça. Ao mesmo tempo, porém, ela é e permanece perfeitamente aberta para este dom do Alto. Como ensina o Concílio, Maria é a primeira entre os humildes e os pobres do Senhor, que confiadamente esperam e recebem dele a salvação” (Cf. João Paulo II, Carta Encíclica *A Mãe do Redentor – Redemptoris Mater* – n° 8).

A espiritualidade do diácono se aproxima tanto do mistério de Maria, que pode como ela dizer: *Eis a serva do Senhor; faça-se em mim conforme a tua vontade* (Lc 1, 38). Como Maria, em Caná da Galiléia, o diácono estará atento às necessidades espirituais e materiais dos irmãos, convocando a todos para encher com água as jarras, e as enviando a Jesus, a fim de que jamais falte o vinho na festa da Redenção, principalmente nos corações vazios de amor e de fraternidade. Ele reunirá a todos, como os discípulos por ocasião da multiplicação dos pães, para o mutirão da solidariedade. Distribuirá aos famintos o pão de cada dia; aos injustiçados, o respeito e a dignidade; àqueles que choram, o bálsamo do consolo da fé; aos enfraquecidos, transmitirá a força transformadora da graça do Senhor e da caridade dos irmãos.

Como Maria, o diácono cultivará a virtude da visitação, correndo ao encontro das necessidades dos irmãos para lhes prestar serviço alegre e humilde. Como ela, seguir  os passos de Jesus nos passos dos irmãos, presença silenciosa e efetiva de quem não se preocupa em aparecer, mas em irradiar amor. De Maria, o diácono aprender , ainda, a se tornar oferta ao p  da Cruz do Senhor, nas cruces de cada dia para com Cristo, em Cristo e por Cristo elevar ao Pai o único sacrifício que agradou a Deus no seu serviço de amor pela reden o do mundo. De Jesus crucificado, na figura do discípulo amado, o diácono receberá Maria como Mãe, a levará para a casa do seu cora o, de sua família e de sua comunidade para anunciar a todos: somos filhos da Servidora do Senhor!

Com Maria, o diácono se alegrar  na manhã da Ressurrei o, se reunirá com sua comunidade para celebrar a presença transformadora do Senhor Ressuscitado, para a todos levar a paz e o perdão, que nascem da Cruz e da glorifica o de Jesus, anunciando ao mundo: *Jesus ressuscitou! Nós vimos o Senhor, ceamos com Ele, apalpamos seu Corpo, tocamos em suas chagas gloriosas, conversamos com Ele! Ele está vivo! O mundo está salvo!* Em ora o, com Maria, a Mãe de Jesus, o diácono se preparar  para acolher o Espírito Santo num Pentecostes que jamais termina. Abrir  as portas trancadas pelo medo de enfrentar a sociedade materialista e consumista, e anunciará, por palavras e atitudes, que   possível estabelecer a civiliza o do amor.

Como Maria, evangelizadora silenciosa, ele percorrer  os caminhos da história de cada irmão, proclamando que “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos

homens de hoje, sobretudo dos pobres e dos que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (Cf. GS, n° 1).

“Dessa espiritualidade brota também o amor filial para com Maria, Mãe de Jesus, a grande servidora que manteve plena fidelidade aos desígnios do Pai, modelo de disponibilidade e amor para todo servidor. Contemplando-a, os diáconos aprenderão o significado de uma total dedicação de amor à missão, ao louvor a Deus e à salvação dos irmãos, aprofundando sua identificação com a vontade de Cristo, que procura em tudo a vontade e a glória do Pai” (Cf. CNBB, *Diretrizes*, n° 159).

Espiritualidade conjugal e familiar

A espiritualidade conjugal está relacionada à graça sacramental própria do sacramento do matrimônio. Requer, além do exercício das virtudes humanas e cristãs inerentes à vocação e aos compromissos batismais, as virtudes específicas da vocação matrimonial: vivência diária da comunhão entre marido e mulher, segundo o exemplo do amor de Cristo pela Igreja, a fidelidade na esperança e a entrega de vida no Espírito Santo, o Amor. Na redenção permanente do amor conjugal pela vitória sobre as paixões, pela superação de qualquer espécie de egoísmo, pela sublimação e purificação do amor recíproco, pela alegria de viverem juntos, pelo caminho comum a ser percorrido, pela abertura de coração, os cônjuges vão construindo uma história comum: a história de suas vidas. Dessa forma os casais cristãos se inserem no mundo secular e cumprem sua missão profética, sacerdotal e pastoral, no sentido de difundir e defender a fé cristã como testemunhas de Cristo, onde quer que vivam, através da criação e da educação dos filhos e da participação ativa na comunidade eclesial e civil.

Como os demais cristãos, os casais, santificados pela graça do matrimônio, devem se alimentar das fontes da espiritualidade cristã (a meditação e a escuta da Palavra de Deus, a celebração frutuosa e consciente dos sacramentos, a vida de oração, a prática da ascese e da caridade fraterna, o aprofundamento da fé, a orientação espiritual, etc.). A família deve viver à luz do Evangelho, seguindo Jesus, o Esposo, em sua doação total à Igreja, sua Esposa. O amor que fundamenta a vida conjugal é, antes de tudo, um dom, uma graça; é preciso pedi-la. Encontrar Deus é o objetivo da verdadeira oração. Na vida conjugal os esposos realizam essa busca não apenas individualmente, como cristãos, mas em comum, como casal cristão. Encontrar Deus é procurá-lo sem cessar. É preciso rezar sempre, sem nunca esmorecer!

“Abertos ao Espírito, os diáconos caminham para uma sempre maior harmonia entre o ministério diaconal e a vida conjugal e familiar, de modo pleno e alegre. Nesse sentido, é louvável que, sempre no respeito pelas normas litúrgicas e canônicas, a esposa e os filhos do diácono se façam presentes durante o exercício do seu ministério, de modo que a comunidade possa perceber, mesmo visivelmente, o significado do sacramento do Matrimônio e da Ordem” (Cf. CNBB, *Diretrizes*, n° 74).

Essa unidade existencial entre o sacramento do Matrimônio e o da Ordem, na vida do diácono, tem sido abordada, ultimamente, sob o título: *dupla sacramentalidade*: os

documentos oficiais evitam o uso desta terminologia. Ao comentar o sentido pastoral da unidade promovida pelo diácono, Frei José Gabriel Mesa afirmava em sua explanação durante o I Congresso Latino-americano e do Caribe sobre o Diaconato Permanente, realizado em Lima, Perú, de 13 a 16 de agosto de 1998:

“A vida matrimonial, como carisma, assume um caráter distinto na dimensão pastoral do sacramento da Ordem. Na ação pastoral do diácono casado ambos os sacramentos se manifestam como uma unidade, em razão de alguns pontos que lhe são comuns: a fidelidade, a entrega, a comunhão, o dom de si, a plenitude da vida batismal. Juntos, significam na vida do diácono uma unidade totalizante: a unidade chamada a abrir-se à graça que age mediante os sacramentos: graça ministerial no diácono e também graça que move a esposa e os filhos ao encontro do serviço de Cristo na perspectiva do Reino. Ao contrário da experiência negativa existente de desvinculação entre vida matrimonial e vida familiar o diácono, orientado à harmonia da comunhão, deve fortalecer também o carisma da vida matrimonial, a partir da liberdade e da opção por Jesus Cristo, não só de ambos, como casal, mas de cada um como pessoa chamada por Deus à unidade” (Cf. CELAM, Diaconato Permanente, doc. De trabalho – 4, pp. 149-150).

A espiritualidade conjugal é marcada, como vimos, pela promoção do amor, pela fecundidade num horizonte mais amplo, pela fidelidade permanente, pelo compromisso evangelizador. “No seio de uma família que tem consciência desta missão, todos os membros da mesma família evangelizam e são evangelizados. Os pais, não somente comunicam aos filhos o Evangelho, mas podem receber deles o mesmo Evangelho profundamente vivido. E uma família assim, torna-se evangelizadora de muitas outras famílias e do meio ambiente em que ela se insere” (Cf. Paulo VI, Exortação Apostólica sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo, *Evangelii Nuntiandi*, n° 71).

A fecundidade não se restringe à procriação e à educação dos filhos; a fecundidade espiritual faz com que os esposos estejam abertos à geração da vida, em todos os sentidos. Com a força do Espírito de Deus, *Senhor e fonte de vida*, o casal cristão se torna fecundo nos relacionamentos, nos desejos, nos empreendimentos, com o cônjuge, com os filhos e com todos os que o cercam. A vivência matrimonial cristã supera a infecundidade espiritual, preenche os vazios existenciais e confere novo sentido para os acontecimentos de cada dia.

“Quando o casal celebra sua experiência de amor na fé de Jesus Cristo, o próprio Deus se compromete com eles e prestar-lhes-á ajuda contínua para realizar cada dia seu projeto comunitário, imbuídos do Espírito de Cristo” (Cf. Jesús Espeja, *Sacramentos*, Vozes, Petrópolis, 1992, p. 145).

Igualmente, a fidelidade vai além do respeito à identidade física do cônjuge, e abrange a lealdade nos pensamentos, a pureza das intenções, a lisura nos projetos de vida, a sinceridade absoluta e a transparência de vida. A vida de oração é capaz de afastar todas as nuvens que tornam difícil o relacionamento conjugal. “A oração reforça a estabilidade e a solidez espiritual da família, ajudando a fazer com que esta participe da fortaleza de Deus” (Cf. João Paulo II, *Carta às Famílias*, n° 4).

Finalmente, a participação consciente, frutuosa e ativa na Eucaristia alimenta a certeza de que a aliança matrimonial pode ser vivida pelos casais, porque Aquele que selou,

em seu Sangue, a nova e eterna aliança entre Deus e a humanidade, é o penhor da aliança celebrada, em seu nome, entre o homem e a mulher.

“A Eucaristia é um sacramento verdadeiramente admirável. Nele, Cristo deixou-se a si próprio como alimento e bebida, como fonte de poder salvífico. Deixou-se a si mesmo, a fim de que tivéssemos vida e a tivéssemos em abundância (Cf. Jo 10, 10): a vida que está nele e que ele nos comunicou pelo dom do Espírito, quando ressuscitou ao terceiro dia após a sua morte. De fato, a vida que vem dele é para nós. Esta vida é para vós, caros esposos, pais e famílias! Não instituiu ele a Eucaristia num ambiente familiar, durante a última Ceia? Quando vos encontrais para a refeição e unidos entre vós a partilhais, Cristo está no meio de vós. Mas, ele é ainda mais o Emanuel, o Deus conosco, quando vos aproximais da Mesa Eucarística (Cf. João Paulo II, *Carta às Famílias*, n° 18).

A família de Nazaré

A família de Nazaré ilumina, de maneira única e inconfundível, a vida de todas as famílias cristãs. É modelo e ponto de referência permanente para os que desejam edificar a casa sobre a rocha (Mt 7, 24). A mensagem do Papa Paulo VI, quando de sua visita a Nazaré, no dia 05 de janeiro de 1964, descreve bem essa exemplaridade:

“Nazaré é a escola na qual se começa a compreender a vida de Jesus: a escola do Evangelho... Primeiramente, uma lição de silêncio. Que nasça em nós a estima do silêncio, esta admirável e indispensável condição do espírito... Uma lição de vida familiar. Que Nazaré nos ensine o que é a família, sua comunhão de amor, sua beleza austera e simples, seu caráter sagrado e inviolável... Uma lição de trabalho. Nazaré, ó casa do Filho do carpinteiro, é aqui que gostaríamos de compreender e celebrar a lei severa e redentora do trabalho humano” (Cf. Catecismo da Igreja Católica, n° 533).

A agitação constante, fruto de uma sociedade superativa, transforma os lares em meros locais de encontro, em determinados momentos do dia. A vida familiar está reduzida ao mínimo, dado que os afazeres profissionais têm exigências e horários diversificados. O trabalho profissional, muitas vezes, não vai ao encontro dos anseios de realização pessoal, mas significam apenas um emprego, uma questão de sobrevivência. Dentro desse quadro, por vezes caótico, as famílias cristãs são convidadas a seguir os exemplos da Sagrada Família, Jesus, Maria e José.

Maria, a Mãe de Deus, enche de ternura o lar de Nazaré; no silêncio, no serviço humilde das tarefas diárias, no clima permanente de oração. “A história do *belo amor* tem início com a Anunciação, naquelas palavras admiráveis que o Anjo dirigiu a Maria, chamada a ser a Mãe do Filho de Deus. Com o *sim* de Maria Àquele que *é Deus de Deus, Luz da Luz*, torna-se filho do homem; Maria é sua Mãe, sem deixar de ser a Virgem que *não conhece homem* (Lc 1, 34). Como Mãe-Virgem, Maria torna-se *Mãe do belo amor*” (Cf. João Paulo II, *Carta às Famílias*, n° 20).

José, como canta a Igreja, o *feliz esposo da Virgem Mãe de Deus*, é também o *servo fiel e prudente, a quem o Senhor confiou a sua casa* (Cf. Lc 12, 42). Ao partir desta vida, ladeado por Maria e Jesus, José, o servo bom e fiel, entra na alegria do Senhor (Cf. Mt 25, 21). “É graças também a José que o mistério da Encarnação e, juntamente com ele, o

mistério da Sagrada Família, fica inscrito profundamente no amor esponsal do homem e da mulher e indiretamente na genealogia de cada família humana” (Cf. João Paulo II, *Carta às Famílias*, 20).

Também no matrimônio o *belo amor* tem início na auto-revelação dos cônjuges. Somente à luz dessa verdade, a família pode tornar-se fonte do verdadeiro amor. O futuro da família depende dessa capacidade do amor recíproco dos cônjuges, dos pais e dos filhos. É preciso que a oração faça parte da vivência familiar. Oração da família, oração pela família, oração com a família. A oração é fonte de esperança e de vida em plenitude.

“A família do diácono, Igreja doméstica, constitui o primeiro campo da sua ação ministerial, na qual o seu testemunho e a ação evangelizadora constituem um exemplo vivo de fidelidade e indissolubilidade e uma fonte de ânimo para todos aqueles que trabalham pela promoção da vida familiar” (Cf. CNBB, *Diretrizes*, n° 76).

Conclusão

A formação espiritual dos candidatos ao Diaconato Permanente deve ser orientada no sentido de lhes permitir iluminar toda a vida e as atividades familiares, profissionais e eclesiais, a partir de Cristo Servidor. O espírito diaconal deve forjar a personalidade do futuro diácono, de modo que possa se entregar inteiramente a serviço dos irmãos, como atitude que brote do mais íntimo de suas convicções cristãs: Vim para servir!

O diácono se empenhará num serviço absolutamente gratuito, desinteressado, sem busca de quaisquer vantagens, mas tão somente o desejo sincero de seguir o Mestre. Será o primeiro a se preocupar com o bem-estar da comunidade. Acolherá, como bom samaritano, os feridos pelas injustiças sociais, os despojados de seus direitos elementares e de sua dignidade humana. Consolará os enfermos, visitando-os em sua dor. Aos desesperançados convidará a prosseguir no caminho, conduzindo-os ao aconchego do Bom Pastor.

O diácono não se considerará plenamente realizado em sua missão, enquanto houver exclusão na Igreja e na sociedade civil. Incansável, como aquele que veio para servir e não para ser servido (MC 10, 43), o diácono não hesitará em ocupar o último lugar, a fim de colaborar na construção da civilização do amor. A formação espiritual dos candidatos ao Diaconato Permanente empregará os meios mais adequados para criar nos candidatos a mística do serviço que nasce da caridade. Como São Francisco, o diácono rezará:

Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz.
Onde houver ódio, que eu leve o amor.
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.
Onde houver discórdia, que eu leve a união.
Onde houver dúvidas, que eu leve a fé.
Onde houver erros, que eu leve a verdade.
Onde houver desespero, que eu leve a esperança.
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria.
Onde houver trevas, que eu leve a luz.
Ó Mestre, fazei que eu procure mais consolar,
que ser consolado;
compreender, que ser compreendido;

amar, que ser amado.
Pois, é dando que se recebe.
É perdoando que se é perdoado.
E é morrendo que se vive para a vida eterna. Amém!